

com o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho. Pareceu-me desfaçatez premiar uma autora que se tornara vítima do lápis azul da censura, até na página infantil do *Diário Popular*, dirigida pelo saudoso José de Lemos. Era impossível esquecer todos os escritores e jornalistas silenciados. (...) // Não e não! Não podia aceitar a distinção que me ofereciam de mão beijada, embora o valor pecuniário que a acompanhava fosse deveras atraente. // Saramago apoiou-me na decisão e logo me encomendou seis<sup>9</sup> novos livros para publicar na mesma coleção.» [18].

*A História da Papoila*, narrativa na qual se valoriza a grandeza das coisas simples e boas como a liberdade, a amizade ou a busca da felicidade, mas onde também se critica, com sutileza ou metaforicamente<sup>11</sup>, outras, como a solidão, a discriminação ou a vida nas cidades, onde as pessoas «andava[m] sérias, metida[s] consigo, sem saber rir.» [15], conta-se a história, feita de encontros e desencontros, de uma sementinha que é, enfim, uma papoila, e que, como todas, «so pode[m] viver em liberdade» [15].

Este é, pois, um conto envolvente, que abre de forma original, a partir da técnica do encaixe<sup>12</sup>, e que conta com uma expressiva composição gráfica e visual. O *design* inovador do volume em análise, apresentado em capa dura (opção pouco comum na época), é sustentado não apenas pela vertente ilustrativa, que (surpreendentemente, atendendo também à época da edição) se estende às guardas do volume, que incluem, nas iniciais, a representação da protagonista humanizada e, nas finais, retomam as figuras humanas infantis/juvenis patentes na página de abertura do relato, mas também pela globalidade da composição gráfica (note-se, manifestamente mais ousada do que a que se pode observar na reedição datada de 2010<sup>13</sup>).

9 Recorde-se que, em 1986, a escrita de Luísa Ducla Soares foi reconhecida com o Prémio de Literatura para Crianças (texto), por *Seis Histórias de Encantar*, e, dez anos depois (1996), receberia, ainda, o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças pelo conjunto da sua obra.

10 Estes seis novos livros, que viriam a ser publicados, em 1973, com a chancela da Editorial Estúdios Cor, foram: *Maria Papoila*, *O Dr. Laurão e o Dinossauro*, *O Ratinho Marinho*, *O Soldado João*, *O Gato e o Urso* e *a Formiga*.

11 Como acentua Graça Almeida Rodrigues, «A censura oficial ou oficiosa impunha ao escritor uma permanente e insidiosa auto-censura, apenas ultrapassada pelo engenho próprio de escrever entrelinhas ou de encontrar metáforas apropriadas. Assim, metáforas como *através* ou *amanhã* passaram a significar socialismo, *primavera* (revolução), *camarada* (prisioneiro), *vampiro*/polícia, *papoila*/cidade popular.» [10]. (sublinhado nosso). Recorde-se que, um ano depois da edição de *História da Papoila*, ou seja, em 1973, Luísa Ducla Soares publica *Maria Papoila* e retoma, assim, a mesma metáfora.

12 Cf. o *incipit*: «Uma história? Vamos lá a ver... Senta-te comigo na relva e diz-me em que estás a pensar. Nas papoilas? Pois também eu! E com isto já me lembrei de uma história» [15] – e o *explicit*: «Depois, o que aconteceu? Amanhã te contarei que é uma longa história.» [15] – do relato.

13 O volume ao qual nos referimos, publicado pela Soregra, integra, na contracapa, um importante peritoxo, simultaneamente, afectivo e esclarecedor, da autoria de António Torrado (Lisboa, 1930): «Diz quem sabe que folhear as páginas de um livro acabado de sair da tipografia, ainda a cheirar a tintas e papel novo, é uma sensação muito agradável. Se, para mais, for um livro de que somos autores, o prazer é redobrado. E, finalmente, se for o primeiro livro de uma esperançosa carreira, então temos festa com foguetes e música, mas que só o próprio autor ouve, por dentro da cabeça. // E o caso deste livro da minha querida amiga Luísa, publicado pela primeira vez em 1972, iniciando-se assim uma fecunda obra que ainda tem muito para nos deliciar e surpreender. // Por sinal que o livro foi logo premiado, mas o Prémio era amargo e a autora recusou-o. Atribuído por uma agência do Estado autoritário e injusto, que governou Portugal até ao 25 de Abril de 1974, o Prémio não era flor que se cheirasse. // E como podia sê-lo, se, donde vinha, do SNI (Secretariado Nacional da Informação) vinham também as ordens que proibiam livros e censuravam jornais? // Mas tudo isto faz parte de um passado morto e enterrado, para alívio nosso. O melhor prémio que, agora, o livro pode desejar é o de se lido e relido por sucessivas gerações de jovens que já estão longe de saber o que era a Censura, o SNI e outros fetos gigantes de antigamente.» (2010).



Fig. 2. Capa de *A História da Papoila* (2ª ed.).

Fig. 3. Parte do desdobrável patente *A História da Papoila* (1ª ed.).

A configuração gráfica da obra materializa-se, por exemplo, na inclusão de um recorte circular logo na página inicial – que permite ver a pequena semente – e, ainda, na página dupla desdobrável que possui apenas ilustração e na qual surge representado um cenário/quadro urbano/cidadino (muito provavelmente, da cidade de Lisboa<sup>14</sup>).

As ilustrações, da autoria de Zé Manel, num estilo figurativo que, por vezes, parecem acentuar intencionalmente (quase em jeito caricatural) certos traços das personagens, por exemplo, primam pela sobriedade e pela discrição cromáticas, sem deixar de determinar contrastes, quando tal é exigido do ponto de vista semântico e por forma adequar-se ao sentido do texto verbal, dão conta dos elementos centrais da narrativa e possibilitam uma leitura visual muito estimulante. A título exemplificativo, veja-se, por exemplo, o segmento visual que acompanha a referência à vida nas cidades [15] e avalie-se o modo como Zé Manel representa os seus habitantes – um conjunto de figuras humanas, com rostos fechados ou carrancudos, recriados em tons sombrios –, construção pictórica dia-metralmente oposta à que se lhe sucede, na qual se observa a representação de um menino e de uma papoila muito sorridentes.

Em suma, na obra em pauta, o registo visual de Zé Manel, cuidadosamente elaborado e enfatizando alguns dos elementos metafóricos patentes no texto de Luísa Ducla Soares, deixa transparecer uma valorização de detalhes naturalistas, representados em cores vivas, bem como do dinamismo e da alegria (reflectidos, por exemplo, não apenas na diversidade cromática, mas também nas expressões faciais infantis e da própria protagonista personificada), aspectos contrapostos, por exemplo, ao cinzento e ao escuro que dominam certos segmentos visuais.

Já em *O Soldado João* (1973)<sup>15</sup>, Luísa Ducla Soares elogia a simplicidade, a bondade e a paz, fazendo sobressair o comportamento de um

14 Atenete-se no pormenor da inclusão de um ardlina. Este anuncia um jornal (percebe-se, intitulado *O Diário*) que possui, na primeira página, algum texto com certos vocabulários legíveis, nomeadamente «livre», «igualdade» e, até, «Eusebio», palavras cuja inclusão não foi, certamente, ao acaso ou «inocente».

15 Cf. Almanaque Silva: 1973 Soares, Luísa Ducla, *O Soldado João*. Lisboa: Cor Infantil, Editorial Estúdios Cor. Capa 1.1. 4 cores, miolo 19.11.4 e 1 cor. 2.ª edição (capa mole), sem data (<https://almanaque-silva.wordpress.com/ze-manel/>).